



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**MAL-ESTAR NO PÚLPITO:
REPENSANDO TEOLOGICAMENTE A PREGAÇÃO CRISTÃ
NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO¹**

*Uneasiness in the pulpit:
Theologically rethinking Christian
preaching in the society of information*

Júlio César Adam²

Resumo: No que se refere à pregação cristã, a sociedade da informação tem gerado uma situação de crise e de mal-estar nas igrejas evangélicas históricas. A pregação cristã nessas igrejas parece não comunicar de forma eficaz o Evangelho e, conseqüentemente, não alimentar a fé de seus membros. Concretamente, há um esvaziamento dos cultos das igrejas evangélicas históricas, onde se mantém a prédica clássica. A prédica do culto parece comunicar em outra frequência, estranha aos ouvidos da comunidade. O sermão não surte os efeitos sociais, culturais, espirituais de outrora. Mesmo que fundamentado bíblica e teologicamente, o sermão parece não edificar a comunidade. Tomando como pano de fundo essa situação, o artigo aponta, a partir de alguns fundamentos teológicos, ideias para repensar a situação prática da pregação cristã.

Palavras-chave: Pregação cristã. Fundamentos teológicos da homilética. Sociedade da informação.

Abstract: In regard to Christian preaching, the society of information has produced a situation of crises and uneasiness in the historical evangelical churches. The Christian preaching in these churches does not seem to communicate the Gospel in an effective way, and consequently, does not nurture the faith of its members. Concretely, there is an emptying of the services in the historical evangelical churches, where the classical

¹ O artigo foi recebido em 06 de abril de 2013 e aprovado em 15 de abril de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² É doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, onde recebeu o prêmio Karl H. Ditze pela tese de destaque, em 2005. Atua como professor na área do culto cristão (liturgia e homilética), espiritualidade e religião na contemporaneidade, na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Tem pesquisado na área do culto cristão, liturgia e homilética, ensino religioso, espiritualidade e sobre temas relacionados a mídias, cultura, comportamento juvenil na atualidade, ética e desconstrução, e mais recentemente sobre elementos religiosos na indústria cultural de Max Horkheimer e Theodor Adorno. Contato: julio3@est.edu.br

preaching is maintained. The preaching in the worship services seems to communicate in another frequency, strange to the ears of the congregation. The sermon does not produce the social, cultural, spiritual effects of prior times. Even though biblically and theologically based, the sermon does not seem to edify the congregation. Having this situation as the background, the article indicates some ideas based on some theological foundations to rethink the practical situation of Christian preaching.

Keywords: Christian preaching. Theological foundations of homiletics. Society of information.

Introdução

Sem a Palavra, o Espírito Santo não opera a santidade dos cristãos, da igreja, da communio sanctorum; sem a Palavra não há unidade, sem a Palavra a igreja fraqueja, sem a Palavra a igreja não pode servir de orientadora, pois a igreja é gerada pela Palavra, é alimentada pela Palavra, é fortalecida pela Palavra.

Martin Dreher³

Há um mal-estar em relação à prédica e ao sermão. Esse mal-estar já perdura faz algum tempo. Podemos dizer que há um mal-estar na igreja como um todo. Ou mais, Zygmunt Bauman fala-nos de um mal-estar da pós-modernidade, da nossa sociedade.⁴ Ou seja, há um mal-estar na cultura que se reflete na religião, na igreja e, obviamente, no culto e na prédica. A incerteza é um dos principais sintomas do mal-estar.

Como percebemos esse mal-estar? A prédica da igreja tornou-se obsoleta para esta sociedade? A prédica – em sua forma e conteúdo – não comunica o que deveria comunicar. Há um esvaziamento daquelas igrejas históricas que mantêm um determinado estilo de pregação, a prédica clássica. Entendemos por prédica clássica uma forma de falar, integrada num culto, efetuada com interpretação e aplicação da Escritura, por um membro chamado da comunidade, em regra por um pastor.⁵ A prédica, além de não comunicar, não agradar, não surte os efeitos sociais, culturais, espirituais de outrora. Não alimenta como alimentou. Não mais ajuda a responder e apontar saídas diante das crises dos novos tempos. Nem mesmo edificar comunidades essa prédica parece ter conseguido. Se pelo menos ela alimentasse a fé dos membros da igreja de forma mais vigorosa, mas nem isso parece estar acontecendo. Além disso, a grama do vizinho, principalmente a grama do neopentecostal, parece bem mais verde e vistosa. A prédica deles atrai multidões. É um *show*! Até mesmo alguns dos membros das igrejas históricas têm trazido relatos sobre essa outra forma de pregar emocionante, vibrante, espetacular. Uma prédica que faz sentido!?

³ DREHER, Martin N. *Igreja, Ministério, Chamado e Ordenação*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. p. 28.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁵ SEITZ, M. *Prática da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 13.

Nada é mais vital para a vida e sobrevivência da igreja do que o culto e, dentro dele, a pregação. É pela pregação – em sua graciosa articulação divina e humana – que a fé é gestada e nutrida. Essa fé viva mantém a igreja viva. Ou seja, descuidar da pregação significa colocar, no mínimo, a fé em risco, e, junto com ela a própria igreja; junto com a igreja, a própria teologia. Em pleno século XXI, pregar no culto cristão é tarefa sublime e, ao mesmo tempo, tarefa complexa e desafiadora. Talvez em todos os tempos assim o tenha sido, mas agora a homilética se vê confrontada por uma avalanche de incertezas: Como pregar nestes tempos de grandes e profundas mudanças? Como mudar a pregação nestes tempos de mal-estar sem trair o Evangelho e sem capitular frente à tradição da igreja?

O quadro apresentado aqui rascunha um pouco da situação de crise que temos experimentado. Ao longo da história da igreja, parece que chegamos num impasse diante da pregação, como jamais a igreja se viu antes confrontada. Será? Buscaremos neste momento subsídios teológicos para pensar a pregação cristã. Desenvolvo esses subsídios em sete ideias ou teses.⁶ O pano de fundo deste artigo é a situação de mal-estar em que – mais ou menos – a pregação das igrejas históricas se encontra e que se reflete em seus seminários e centros de formação. Não se tem a pretensão de apresentar uma teologia da homilética. Propõem-se, isto sim, ideias teológicas, fundamentos para pensar em conjunto, a partir da prática da pregação cristã.

O Evangelho é uma voz

*O Espírito de Deus pairava por sobre as águas.
E disse Deus: Haja luz, e houve luz.
E viu Deus que a luz era boa.
Gênesis*

O Evangelho é uma voz e a pregação cristã é, em essência, ouvir essa voz. Pregação é articulação da voz de Deus através da voz humana. Pregar é, portanto, dar voz àquilo que chamamos de Evangelho. Só se pode falar dele após ouvi-lo. Antes de ser texto, foi uma voz. Por isso, antes de pregar, e mesmo antes de começar a refletir sobre o texto ou o tema a ser pregado, precisa-se ouvir essa voz.

Refletir teologicamente sobre a pregação é, em primeiro lugar, dar-se conta disto: o Evangelho é um evento auditivo! Antes de o Evangelho ter sido escrito, o Evangelho foi ouvido. Antes de ter sido ouvido, foi experimentado. A igreja nasce a partir de algo que se ouve. Esse ouvir se dava dentro do culto. Através dos ritos litúrgicos e em torno deles, os acontecimentos do Evangelho eram relatados e ouvidos, experimentados, e a partir deles, desse ouvir com o corpo inteiro, a fé era despertada, alimentada, a igreja nascia, crescia e fazia sentido (Atos 2.42-47).

⁶ Algumas dessas ideias foram inspiradas na palestra de abertura da Conferência da Societas Homilética, proferida pelo seu então presidente Prof. Dr. Jan Hermelink, em Wittenberg, na Alemanha, em agosto de 2012.

A fé vem pelo ouvir (Rm 10.16). No grego temos, aqui, o verbo *acouw* (ouvir, de acústica). Traduções que substituem o ouvir pelo termo “pregação” ocultam essa riqueza. A fé vem pelo que se ouve, mais do que pelo que homileticamente se faz e se prega. A fé não vem pela pregação. A fé vem pelo ouvir da voz do Evangelho. No ouvir, os ouvintes estão muito mais implicados. Eles estão mais convocados para o processo. Esse é um primeiro aspecto a considerar. Na missão da pregação – e nós homiletas gostamos dessa ideia mais do que da outra, tende-se a ver o que vem até o púlpito, como o mais importante: o labor exegético em torno do texto bíblico, o labor homilético em torno do texto da prédica, o púlpito como espaço da *performance* homilética. Nessa lógica, a pregação está mais centrada no pregador. Na outra lógica, na do ouvir, na do *acouw*, a pregação tem mais a ver com os ouvintes. Ouvir é um processo que é desencadeado.

Um segundo aspecto do versículo de Rm 10.16: Ouvir é mais que escutar. A segunda parte do versículo da Carta aos Romanos caracteriza o ouvir: ouvir pela palavra de Cristo (*rema* está aqui para palavra). *Rema* é expressão, assunto, dito. Ou seja, não é apenas ouvir “a fala de Cristo”, nem ouvir “palavras” apenas, mas toda a sua expressão. Cristo é mais que uma ideia, uma tese ou uma palavra. Cristo é uma expressão, algo palpável, concreto, vivo, um todo, palavra feito gente. O Evangelho de Cristo é vivo!

Ou seja: A fé não vem por ações, nem é desencadeada pela pregação, nem mesmo pelo estudo da teologia ou da homilética. A fé vem pelo ouvir de uma voz. A *viva vox evangelii*. Quando se ouve a voz do Evangelho, algo tremendo, inusitado, novo, misterioso acontece. Nasce a fé.⁷

Fred Creddock, provocativamente em sua proposta da nova homilética, corrobora essa ideia. A pregação tem muito mais a ver com o ouvir do que com o exercício meticuloso e trabalhoso da pregadora. Segundo ele, “a Palavra de Deus não está localizada nas páginas (da Bíblia) nem nos lábios (de quem prega), mas nos ouvidos (de quem ouve)”⁸.

O Evangelho é uma voz que quer ser ouvida. Uma boa homilética, amparada teologicamente, deveria se preocupar, portanto, não apenas com a retórica e a oratória, mas com a escutatória⁹.

Por isso, diante do mal-estar, mas principalmente seguindo os exemplos da comunidade primitiva, daqueles que não tinham aulas, tampouco um método homilético, podemos experimentar esse mistério. O Evangelho deve ser relatado, contado, narrado, cantado, expressado com voz, som, gestos, símbolos, imagens, metáforas, *performances* e ritos, para que possa ser ouvido com o corpo inteiro. Não teria a

⁷ Vale a pena aqui uma comparação livre. O livro “Coração de tinta”, da escritora Cornelia Funkel, talvez nos ajude a perceber um pouco essa dinâmica da Palavra que cria algo, basta ser lida. Com base nesse livro produziu-se o filme homônimo, dirigido por Iain Softley.

⁸ SOUZA, Mauro B. de. A nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, ano 47, v. 1, p. 5-24, 2007. p. 7.

⁹ Ver o texto de Rubem Alves *Escutatória*. Disponível em: <[http://pontodetransicao.com.br/biblioteca/](http://pontodetransicao.com.br/biblioteca/Escutatoria.pdf)Escutatoria.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2013.

pregação da igreja se contentado demasiadamente com os métodos da pregação, um estilo (sermão/prédica tem conotação de algo longo, enfadonho, moralista, pesado), com a oratória, com a teologia dogmática e esquecido da voz viva do Evangelho, que quer tão somente ser ouvida? Não temos esquecido os ouvintes? A palavra de Cristo não acabou virando apenas uma ideia e uma teologia?

O Evangelho é uma voz e a fé vem do ouvir dessa voz (Jan Hermelink).

A voz humana

*Não é por me gavar,
mas eu não tenho esplendor.
Sou referente pra ferrugem
mais do que referente pra fulgor.
Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.
[...]
O que presta não tem confirmação,
o que não presta, tem.
Não serei mais um pobre diabo que sofre de nobrezas.
Só as coisas rasteiras me celestam.
Eu tenho cacoete pra vadio.
As violetas me imensam.
Manoel de Barros*

A primeira tese – o Evangelho é uma voz – conduz obrigatoriamente a uma segunda tese. Se a fé vem pelo ouvir, a voz humana é condição para toda a pregação. O Evangelho é ouvido através da minha própria e pessoal voz, meu corpo e minha experiência, “meus cacoetes pra vadio”. Como diz o salmista: “Vinde e ouvi, todos vós que temeis a Deus, e vos contarei o que tem ele feito por minha alma” (Sl 66.16).

A voz humana não é apenas um meio (uma gravação, um aparelho de mp3). Como um meio, a voz humana é a mensagem (McLuhan). Segundo Daniel Friedrich Schleiermacher, “na prédica se expressa a autoconsciência piedosa do pregador, cujo interesse seria introduzir a comunidade nesse sentimento piedoso e fazê-la sintonizar-se com ele. O pregador sai do meio da comunidade, colocando-se diante dela, e a faz participar, durante a prédica, do sentimento religioso”¹⁰.

A concepção de Karl Barth, embora diferente dessa, também aponta, em parte, nesse sentido: “O pregador deve entender-se a si mesmo como instrumento de Deus, que o requisita para, por meio da prédica do pregador, tornar, ele próprio, a palavra”¹¹. A palavra de Deus reverbera no e através do pregador/a. Deus se digna a precisar de quem prega!

¹⁰ ROSE, Michael. Homilética. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998. p. 153.

¹¹ ROSE, 1998, p. 154.

Dois cuidados são necessários e imprescindíveis nesse aspecto: o protagonismo da voz da pessoa que prega está totalmente fora do domínio do/a pregador/a e isso não lhe dá direito algum de se colocar na posição do próprio Deus. O/a pregador/a é uma voz humana, onde reverbera a palavra de Deus. Para Barth, essa pessoa não é qualquer pessoa. É pessoa vocacionada por Deus, através da igreja.¹²

O que essa segunda tese nos faz pensar é, justamente, sobre o protagonismo e a importância da voz de quem prega. Só falamos, só pregamos porque cremos em um Deus que fala!¹³ Deus quer continuar ecoando essa voz pelos quatro cantos do mundo, por ele criado e mantido. Deus usa a voz da natureza para falar – sim. Ele fala através dos pássaros, do ronronar dos gatos, do mar, do sol nascente, das árvores e cascatas – e Deus necessita da voz humana para se comunicar.¹⁴ Há algo neste Deus que fala, que insiste em encarnar-se no mundo na e através da voz humana. A tonalidade, os sotaques, acentos, a história, identidade, experiência da pregadora estão envolvidos no acontecimento sonoro da pregação. Todo o ser do pregador, sua justiça e seu pecado, sua dor e esperança, sua dúvida e sua fé são meios através dos quais a pregação se faz audível. A vida da pregadora faz parte da palavra que Deus quer falar, e somente através dessa vida em relação com Deus é possível qualquer comunicação.

Falando do caráter provisório da pregação, Barth dirá: A prédica é sempre obra, ação de uma pessoa pecadora, que não possui a partir de si mesma a capacidade nem a boa vontade para realizar essa ação, mas que tem a incumbência de Deus para tal. Com base nessa incumbência, o/a pregador/a confia que, junto com a incumbência está a promessa da bênção de Deus de que essa sua ação/obra, apesar de toda precariedade e provisoriedade, não será em vão. Apenas nessa “santidade” pode acontecer a prédica.¹⁵

Pregação evangélica é pregação encarnada. A encarnação de Deus em Jesus Cristo implica que toda a palavra que Deus fala passa necessariamente pela condição humana¹⁶. “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, aos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo filho” (Hb 1.1-3). Corpo, mente e espírito – a pessoa inteira prega, portanto, como desdobramento da encarnação. Pregação tem, pois, caráter sacramental. Jesus Cristo se faz presente em, com e sob a palavra pregada¹⁷. Em, com e sob a prédica e o sermão, Deus e sua palavra se fazem presentes. Palavra unida ao elemento, no caso, a voz, a pessoa, a vida que prega.¹⁸ Na relação entre pessoa, palavra e ação do Espírito acontece algo. Não seria toda a vida do cristão exatamente essa relação de diálogo, através da qual a fé acontece?

Encarnação (cristologia) e ação do Espírito Santo (pneumatologia) na pregação não são separáveis. Assim como todo o evento de Cristo é evento do Espírito,

¹² BARTH, Karl. *A proclamação do Evangelho*. São Paulo: Novo Século, 2000. p. 33.

¹³ KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985. p. 10.

¹⁴ DREHER, 2011, p. 25.

¹⁵ BARTH, 2000, p. 36-39.

¹⁶ ENGEMANN, Wilfried. *Einführung in die Homiletik*. Tübingen; Basel: Francke, 2002. p. 124.

¹⁷ ENGEMANN, 2002, p. 123.

¹⁸ ENGEMANN, 2002, p. 79.

assim o caráter encarnatório, sacramental da pregação só é viável pela ação livre, dinâmica e soberana do Espírito.¹⁹

O Evangelho é uma voz que se faz ouvir na, com e sob a voz humana.

A pregação é um acontecimento sonoro e linguístico

Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Texto litúrgico

As duas ideias anteriores levam-nos a uma terceira ideia teológica. A pregação é um acontecimento linguístico. A pregação faz o que ela diz. O próprio sermão é a experiência com a palavra de Deus. Não é um instrumento para dar recados, informar, estabelecer regras morais para depois do culto, para a vida do dia seguinte. A própria pregação é audição da palavra de Deus. A pregação é o momento do ouvir da palavra de Deus, *viva vox evangelii*. A experiência, o que se ouve durante o tempo que dura a pregação está em primeiro plano.

Como acontecimento linguístico, a pregação “não tem um sentido adicional que vá além dela mesma; i.e., ela faz sentido e é significativa em si própria. Não é portadora de informações para mensagens, apelos, medidas educacionais”²⁰.

Quem faz isso arrasta o ouvinte para longe da palavra de Deus. O que poderia acontecer – a saber, que a palavra atinja o ouvinte – acaba ficando de fora. A gente fala “sobre” como eram as coisas nos tempos bíblicos, “sobre” aquilo que poderia resultar da palavra de Deus. Mas se deixam de fora o presente, o agora em que o pregador fala e o ouvinte ouve. Só mais tarde, após o culto, o ouvinte deve adaptar o que o pregador esboça em palavras como ideal, deve orientar-se por isso, “lá fora”, no cotidiano. Porém não se concede à pregação o atributo de que a palavra tenha uma força que pode atuar no aqui e agora.²¹

No acontecimento linguístico, os ouvintes estão, sim, exatamente por isso, implicados, como provocativamente nos dirá Ernst Lange:

Pregar significa: eu falo com o ouvinte sobre a sua vida. Eu falo com ele sobre suas experiências e visões, suas esperanças e decepções, seus sucessos e fracassos, suas tarefas e seu porvir. Eu falo com ele sobre seu mundo e sua responsabilidade neste mundo, sobre as ameaças e oportunidades da sua existência. Ele, o ouvinte, é meu tema, não outro; livre: ele, o ouvinte diante de Deus²².

¹⁹ ENGEMANN, 2002, p. 126.

²⁰ ROSE, 1998, p. 158.

²¹ ROSE, 1998, p. 158.

²² LANGE apud VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis: narrative Verkündigung eine Homiletik für das 21. Jahrhundert*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag. 2009. p. 21.

A ideia da prédica como experiência presente e viva do Evangelho não é uma novidade. A Reforma atribui esse papel à pregação. Para Lutero, assim como a palavra de Deus estava no início do mundo e criou o mundo e continua no mundo, falando, e na pessoa de Jesus Cristo não só transmite uma mensagem da salvação, mas, ela mesma como palavra, salva, perdoa, reconcilia e justifica, assim a prédica é continuidade do acontecimento da salvação no nosso tempo, compreensível para cada ouvinte.²³

Na prédica estamos diante de Cristo, tecendo a história da salvação. Não é falar sobre salvação, é salvar. Não é falar sobre perdoar, é perdoar. Não é teologizar sobre a graça, mas vivenciá-la. Não é relatar a ressurreição, e sim experimentá-la. Já e ainda não.²⁴ “La predicación no consiste esencialmente en comunicar nuevas ideas sino en narrar de nuevo una historia, la de la gracia de Dios en nuestra salvación, y esperar que Dios vuelva a hablar y a actuar mediante esa historia.”²⁵

O acontecimento linguístico só é pregação pela ação do Espírito. O acontecimento linguístico faz-se pregação evangélica tão somente porque Espírito assim o permite: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou no coração humana o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus” (1Co 2. 9-10).

A prédica não é, portanto, em primeiro lugar, uma lição, uma instrução, uma exortação, um roteiro para ser seguido depois do culto. A prédica é um acontecimento sonoro e linguístico, *viva vox evangelii*, no tempo em que dura a pregação. A prédica se dá no momento em que é pregada, na experiência do ouvinte, no acontecimento sonoro da palavra de Deus, através da voz da pregadora, pela ação do Espírito.

Vozes que falam os problemas e as promessas, denúncia e anúncio, a Lei e o Evangelho

*Venha o teu Reino, Senhor.
A festa da vida recia.
A nossa espera e ardor
transforma em plena alegria.*
Silvio Meincke

As três ideias anteriores nos levam a pensar no “con-texto” para dentro do qual a prédica fala e quer ser ouvida. Pensar o “con-texto” significa pensar no som, no conteúdo da voz. Pregação evangélica dá-se no diálogo entre um texto e “con-textos”, numa troca onde a palavra está sempre de novo se encarnando na vida, na história.

²³ ENGEMANN, 2002, p. 96.

²⁴ VOGT, 2009, p. 33ss.

²⁵ STAM, Juan. Fundamentos teológicos de la predicación. In: LÓPEZ RUBIO, Amós (Org.). *Y el verbo se hizo carne: desafíos actuales a la predicación evangélica en la América*. La Habana: Editorial Caminos, 2010. p. 13s.

Não existe palavra de Deus asséptica. A pureza da palavra é o Evangelho encarnado na vida. O Evangelho pregado não é uma voz sobre problemas e promessas humanas. O Evangelho pregado é a voz que fala os problemas e as promessas da vida sob (não sobre) o juízo e a graça de Deus.

Como vimos acima, uma teologia evangélica da pregação está ancorada em um Deus que fala. Só pregamos e só podemos pregar com nossas próprias vozes porque Deus fala, se comunica, se articula, manda recados, mensagens, sinais. Esse mesmo Deus fala em, por, sob e através de Jesus Cristo. Jesus Cristo é tudo que Deus tem a nos dizer.²⁶ E a voz com som de “Jesus Cristo” é tudo menos uma fala a respeito da sua vida. Não é um falar sobre Jesus Cristo, mas um falar pela palavra de Cristo (Rm 10.16). Jesus Cristo é voz encarnada de Deus no meio da vida humana. Jesus só é ouvido porque se encarna e continua se encarnando.

Deus não fala simplesmente por falar. Jesus Cristo como sua pregação suprema, não é falar por falar. Deus se digna a falar porque tem algo a dizer para dentro da realidade. Antes de falar, ele, Deus, ouve, vê, desce, se importa, se vê implicado com a criação, com a vida, seus sofrimentos e suas alegrias. Muitas vezes nos esquecemos disso na nossa pregação.

Pregação evangélica considera, sim, a supremacia do texto e a relevância da exegese. A prédica está condicionada, tanto no conteúdo como na forma sob todos os aspectos à interpretação da Escritura, porque na igreja acontece o testemunho da Verdade e todo falar na igreja deve ser interpretação da Escritura, a fonte da Verdade.²⁷ Mas qualquer texto bíblico só existe porque tem algo a dizer para dentro de uma realidade, para um “con-texto”. A supremacia do texto só é suprema se conseguir dialogar com o mundo, com a vida, com as pessoas; com todas as pessoas, não apenas com os “santos”, mas preferencialmente em meio às ruínas humanas, em meio à vida dos escorraçados, dos sobrantos e destituídos de humanidade.

A essência teológica da pregação está no falar permanente e dinâmico de Deus para dentro do mundo e da vida de hoje. Para falar, Deus usa mais *dabar* que *logos* (se é logos, este se fez gente). Palavra de Deus é ação de Deus. A voz de Deus através da voz de pregadores/as não é uma voz no vácuo, mas uma voz através da voz humana que prega, como uma voz que fala para dentro dos ouvidos e da vida de pessoas concretas e reais. Quanto maior o sofrimento, mais audível é o *dabar* de Deus. Isso implica:

a) Fala de Deus envolve os problemas e as promessas que perfazem a vida das pessoas. Como tem observado Jilton Moraes, insistimos, em nossas prédicas, em falar de um Deus teologicamente correto, mas que não responde às necessidades humanas.²⁸ Um Deus teológico, dogmático, estático emudece o púlpito. Falamos de um Deus para ser entendido, e as pessoas buscam um Deus para ser experimentado, Deus Espírito Santo.

²⁶ KIRST, 1985, p. 11.

²⁷ BARTH, 2000, p. 39ss.

²⁸ MORAES, Jilton. *O clamor da Igreja: em busca da excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. p. 77ss.

O Deus que fala e que fala plenamente em Jesus Cristo é um Deus que se articula, se move, se comunica. É um Deus dinâmico, vivo, entrelaçado na vida e nos dramas da sua criação. A pessoa de Jesus, conteúdo e forma, atitudes e formas de articulação deveriam ser recuperadas em nossos sermões.

Assim também o tema do Reino de Deus, que foi um dos temas centrais da prédica sinagoga e a grande novidade do Evangelho, deveria, sim, continuar sendo tema da prédica evangélica. A esperança do Reino, já e ainda não, a esperança pela transformação do mundo, parece que foi tema da teologia da libertação e que hoje não serve mais.²⁹

b) Fala de Deus para dentro do mundo a partir da dinâmica “Lei e Evangelho”. A dinâmica “Lei e Evangelho” é mais do que apenas um modelo estrutural da prédica. A voz do Evangelho para dentro da vida real das pessoas encontra a lei e o Evangelho como duas dimensões da própria vida humana. Lutero dizia que toda prédica deve ter uma pitada do inferno e uma boa dose do céu, da graça, pois exatamente essa é a dinâmica da vida cristã, simultaneamente justa e pecadora. Ele mesmo orientava que dois terços da prédica se orientassem a partir da lei, do pecado, da desgraça humana, justamente para que a pessoa perceba sua incapacidade de alcançar a salvação, a paz e a justiça por suas próprias forças. Depois que a comunidade e a pessoa já estivessem convictas da impossibilidade da lei como meio da salvação, o um terço restante da prédica deveria apontar para Cristo, a graça, o Evangelho, como uma realidade que encontra o ser humano ofertando essa nova saída para toda sua existência, para a vida concreta. O pecado não é anulado. Mas a graça do Evangelho traz um novo sentido para a vida e para o viver.³⁰

A cultura do mal-estar que falamos no início desta reflexão é justamente a cultura que aposta na liberdade humana como caminho para a construção da salvação humana. O mote das indulgências, como radicalização absurda da lei, no período da Reforma, é pouco se comparado aos diferentes sistemas e aparatos oferecidos hoje como forma de “salvação” imanente. Compramos bem-estar, prazer, *status*, segurança, relações, felicidade, salvação. São muitas as indulgências. Ao mesmo tempo, provavelmente nunca antes os humanos tenham sido tão infelizes e incompletos. O dito mal-estar da pós-modernidade origina-se exatamente neste paradoxo: a felicidade prometida e frustrada.³¹ Como novo programa de salvação está disponível, pode ser adquirida, mas não pode ser usufruída, na medida prometida pela indústria cultural (T. Adorno).

Falar da graça de Cristo, do Evangelho é o pior tema para a cultura da felicidade. Escândalo e loucura! Ao mesmo tempo, esse anúncio é o que de mais precioso e libertador podemos oferecer ao mundo. A prédica evangélica pode ser porta-voz dessa subversiva graça em meio à vida já sem graça destes tempos de ofertas de “salvação”.

²⁹ STAM, 2010, p. 14ss.

³⁰ ENGEMANN, 2000, p. 97.

³¹ LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

Polifonia de vozes

Dá-me uma prédica, através da qual eu possa perceber mais do que aquilo que está no teu texto. Não tente me dizer tudo, mas que o que tu dizes também me oriente para que eu o possa completar.

Wilfried Engemann

O Evangelho é uma polifonia de vozes. Para dar conta de um mundo em crise e em conflito, o Espírito Santo faz uso das mais diferentes vozes para comunicar. A voz de Deus na pregação não é uma “monovoz” (monofonia), mas é uma voz plural. Uma voz dialógica.³²

A polifonia de vozes aponta, portanto, para a diversidade e a dinâmica do Espírito. Se nossas pregações aqui no sul e lá no norte começam a se assemelhar, deveríamos começar a desconfiar que elas têm pouca presença da ação do Espírito Santo. Todos os quatro pontos que vimos anteriormente falam de um paradoxo. O senhor da igreja – Jesus Cristo – nos incumbe de falar (Ef 4.7,11; 1Co 4.3-4), mas falar o Evangelho é gramaticalmente impossível. “A prédica defronta-se aí com a dificuldade de ter de falar sobre coisas diante das quais, em última análise, toda linguagem precisa capitular.”³³ A linguagem humana, a gramática, não dá conta de falar Deus. Ela é insuficiente e precária até mesmo para a descrição dos objetos e das sensações mais comuns e triviais do nosso cotidiano.

Falar da pregação como uma polifonia de vozes significa encontrar outras linguagens, outras formas, outros recursos, outros costumes para transmitir a voz do Evangelho, principalmente aqueles que são próprios de cada cultura e tradição. A linguagem poética, a metáfora, o símbolo, a imagem conseguem algo que a linguagem instrumental, racional não consegue: transcendência.

No emprego poético da linguagem, cria-se um sentido que antes não existia. O próprio acontecimento linguístico cria sentido. No decurso do falar o sentido encontra uma presença tal que sem a fala esse sentido não seria possível. Coisas novas revelam-se, coisas velhas mudam de aspecto, coisas nunca conhecidas tornam-se visíveis. Quem fala em linguagem poética “abre uma porta” que, sem esse falar, nem sequer estaria na parede.³⁴

Nesse mesmo caminho, a linguagem narrativa consegue mais do que a linguagem cotidiana, teórica e explicativa. “Ao se empregar a linguagem narrativamente, ao se narrar, a linguagem torna-se permeável, transparente para padrões de sentido e significado que nascem por meio das palavras. A exemplo de um poema, a narrativa pode abrir mundos que antes não eram visíveis.”³⁵ Não por acaso a Bíblia é um livro de

³² Jan Hermelink.

³³ ROSE, 1998, p. 165.

³⁴ ROSE, 1998, p. 166.

³⁵ ROSE, 1998, p. 166.

narrativas. Não por menos, Jesus passou a vida contando, andando, comendo e contando histórias. Nós, na prédica, geralmente encapsulamos a narratividade da Bíblia!

Mas a ideia da polifonia de vozes não nos faz pensar apenas de diferentes linguagens. As diferentes tradições homiléticas estão aqui também implicadas. A pregação evangélica é uma mistura da pregação profética com a pregação sinagoga-judaica, com a pregação helenista, com a pregação dos Pais da igreja, com a homilia medieval, com a pregação da Reforma, com a pregação da ortodoxia, a pregação do pietismo, do iluminismo e com a pregação contemporânea.

Assim também as diferentes tradições cristãs contribuíram e contribuem para a polifonia de vozes da pregação: ortodoxos, católicos, protestantes, pentecostais, neo-pentecostais contribuem para essa polifonia de vozes que constituem a voz da igreja ao longo dos séculos. Essas tradições devem dialogar e se complementar.

Ouvir o culto

O que o coração é para a vida animal, o culto o é também para a vida da igreja, ativando a circulação, para intensificar e santificar essa vida.

J. J. von Allmen

O Evangelho não é um ritual, mas sua voz não existe sem um ritual. O Evangelho não pode ser ouvido sem o sacramento, sem o encontro da comunidade com Cristo no culto (Jan Hermelink). Justamente isso é importante para a igreja protestante, para a igreja evangélica que, muitas vezes, se definiu e se define como uma igreja da palavra. Igreja da palavra virou uma igreja de palavras (M. Rose), igreja dos sermões, das prédicas, dos discursos públicos. Aos poucos, vozes da teologia prática ajudam a pensar essa polarização litúrgica e olhar o culto todo, cada palavra, cada gesto, cada elemento como voz viva do Evangelho.

O culto não está submisso à prédica, nem a liturgia é uma moldura para a pregação. O culto precisa do sermão e o sermão precisa do culto.³⁶ A pregação perpassa o todo e cada parte do culto. O culto permite que a comunidade vivencie, experimente essa voz viva que falávamos, através dos ritos, gestos, toques, símbolos e cores, tempos e calendários, arquitetura, imagens, movimentos, músicas, hinos, cantos e música³⁷, orações, bênçãos. Voz que performa não só o culto, mas o mundo. Tudo é manifestação da voz do Evangelho. O culto é o espaço por excelência da comunicação e da *performance* do Evangelho!

Barth corrobora essa tese quando fala do caráter eclesial da pregação. Segundo ele, sob o ponto de vista do conteúdo, a prédica deve se orientar unicamente no batismo – sinal da graça –, na Santa Ceia – sinal de esperança – e na Escritura – do-

³⁶ KNOX, John. *A integridade da pregação*. São Paulo: ASTE, 1964. p. 75.

³⁷ Ver, p. ex., MORAES, Jilton. *Púlpito, pregação e música*: palavra e música unidas na proclamação da Palavra. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Convicção: 2010.

cumento da Verdade que cria a igreja. Assim, a prédica situa-se no espaço delimitado por Batismo, Santo Ceia e Escritura e por aquilo que Deus mesmo cria nesse espaço.³⁸

No culto cristão circula a ação simbólico-representativa da igreja (*darstellen-des Handeln*)³⁹, como comunicação pública da experiência cristã, mediada em forma e conteúdo pela tradição bíblica e pela tradição da igreja.⁴⁰ Ou seja, o culto cristão é comunicação da fé através de simbolização, da representação, da festa e do drama, do rito. No culto, sintetizamos de forma ritual-simbólico-representativa toda a teologia cristã, toda a história da salvação, toda a experiência humana com o Deus dos judeus e dos cristãos. O culto permite ao mundo experimentar, durante uma hora (ou o tempo que o mesmo durar), em um determinado local, salvação e graça, no encontro real entre Deus e seus filhos e filhas. Essa dimensão simbólico-representativa não existe em outros espaços da vida de uma comunidade, pelo menos não de maneira tão intensa e precisa.

É neste sentido que von Allmen dirá que o culto é o coração da igreja. Por isso não existe comunidade sem culto. Do culto decorrem todas as demais atividades da comunidade cristã e ao culto todas elas convergem. Para von Allmen, o culto é sempre recapitulação da história da salvação e, ao mesmo tempo, epifania da igreja. No culto, a comunidade constitui-se, recapitulando a história da salvação e proclamando ao mundo essa mesma história. A pregação no culto é continuidade da história da salvação.⁴¹

Vozes como uma oferta viva

*Nem olhar,
nem falar;
nem agir,
nem buscar;
nem pensar,
nem se esforçar;
nem imaginar,
nem se impacientar;
para Deus buscar
em modos e tempos quaisquer,
basta somente um
vazio no corpo e na alma – cavar –
ao mais tudo será:
E Deus
em tudo estará.
Alexandre Filordi*

³⁸ BARTH, 2000, p. 23ss.

³⁹ SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Die Praktische Theologie nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche*. Berlin: O. Reimer, 1850. p. 70.

⁴⁰ CORNEHL, P. Theorie des Gottesdienst. In: *Theologie Quartalsschrift*, 159, p. 178-195, 1979. p. 186.

⁴¹ ENGEMANN, 2000, p. 96.

Todas as ideias anteriores estão relacionadas a esta última: o preparo e cuidado da pregação. A voz do Evangelho que reverbera no culto através do ser da pregadora para transformar o mundo carece sempre de cuidado e preparo. Esse preparo é parte da própria pregação. É exercício de espiritualidade. Pois o sermão é um sacrifício vivo (Rm 12.1). “O sermão é uma oferta a Deus – ou antes, é o pregador oferecendo-se a si mesmo a Deus – e o preparo é um ato disciplinado de devoção.”⁴² Pregação do Evangelho acontece, pois, muito antes do púlpito.

Pregar exige conhecimento: conhecimento da e proximidade com a Bíblia em primeiríssimo lugar. A Bíblia é como o pano sobre o qual se borda algo.⁴³ Assim como não é possível bordar sem pano, não é possível pregar sem conhecimento da e proximidade com a Bíblia. A esse conhecimento somam-se, obviamente, o conhecimento teológico, exegético e hermenêutico, bem como o conhecimento sobre o ser humano, a cultura geral e o mundo.

Pregar como oferta precisa de sacrifício vivo, requer conhecimento da nova cultura da mídia e da comunicação: entender como as pessoas das diferentes gerações ouvem, como e o que retêm de informações, como organizam dados captados, como são mobilizadas pelas mídias, pelas imagens e recursos é algo imprescindível na tarefa homilética. Não que a pregação deva imitar o espetáculo midiático da caverna platónica do nosso tempo, mas ter ciência desses meios comunicativos e seus impactos, colocando a pregação da igreja em diálogo dinâmico e crítico com esses parece-me prudente.⁴⁴

Pregar com zelo hoje, mais do que nunca, obriga a conhecer a vida das pessoas, dos ouvintes. Não só conhecer, mas fazer parte da vida das pessoas, estar próximo delas, das comunidades. Quem prega deve gostar de pessoas, de gente e de estar com elas. Ser sensível à vida que pulsa e ao clamor por sentido e orientação que frequenta nossos cultos dominicais. O/a pregador/a prega com a Bíblia em uma das mãos, o jornal na outra e, em seu coração, não só fala aos, mas olha e vê seus ouvintes com misericórdia e amor, como Cristo – a Palavra em plenitude – o fez e continua fazendo através de sua igreja e da pregação. Pregar na fraternura implica formas mais dialógicas de comunicar. Significa entender que a prédica não está apenas na boca de quem fala, mas no ouvido e no coração de quem ouve.

Não por último, pregar só é possível na e pela fé: a espiritualidade cristã faz parte de todo processo homilético, da pesquisa ao púlpito, do púlpito aos ouvintes, dos ouvintes para o mundo na fé em forma de sinais do Reino. Pregadores/as são humanos. Não são pessoas mais justas, nem mais pecadoras que os demais irmãos e irmãs. Mas, em tempos de mal-estar como os nossos – também em relação à pregação –, não é concebível que eles/as não sejam íntegros na sua fé, que não sejam coerentes com o que vivem e como vivem, que não sejam comprometidos e éticos. Num mundo intoxicado

⁴² KNOX, 1964, p. 76.

⁴³ MORAES, 2012, p. 66ss.

⁴⁴ Ver, p. ex., RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

de informação, pregadores/as são aqueles e aquelas que auxiliam no processo depurativo: a orientação para viver e encontrar em Cristo sentido e esperança.

Conclusão

Diante do mal-estar do nosso tempo e do mal-estar em torno da pregação cristã, minha tentativa nas sete ideias acima foi, a partir de elementos da teologia protestante-evangélica da pregação, invocar um caráter mais humano para dentro da homilética.⁴⁵ Diante dos imensos desafios de toda ordem no nosso contexto, parece-me que um olhar para o lado humano implicado na pregação – o ouvinte, a pessoa que prega, a realidade para dentro da qual se prega, as diferentes vozes da polifonia, a comunidade reunida no culto, o zelo para com a pregação, pode ajudar-nos a reinventar a pregação, uma pregação brasileira. Proponho uma homilética encarnada na vida, baseada numa insistente teologia encarnatória. Proponho uma prédica que creia menos nas ideias teológicas fechadas e nos modelos homiléticos prontos e que creia mais no que acontece, a realidade daquilo que Deus fez e faz em nós e por nós. O Evangelho não é uma teologia, em primeiro lugar. O Evangelho é uma voz, palavra de Deus, criando e recriando o mundo.

Que a voz viva do Evangelho, permeada pela ação do livre do Espírito, nos anime, fortaleça e capacite para o ensino-aprendizado homilético e para a missão da pregação evangélica no Brasil.

Referências bibliográficas

- BARTH, Karl. *A proclamação do Evangelho*. São Paulo: Novo Século, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CORNEHL, P. Theorie des Gottesdienst. In: *Theologie Quartalsschrift*, 159, p. 178-195, 1979.
- DREHER, Martin N. *Igreja, Ministério, Chamado e Ordenação*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.
- ENGEMANN, Wilfried. *Einführung in die Homiletik*. Tübingen; Basel: Francke, 2002.
- KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985.
- KNOX, John. *A integridade da pregação*. São Paulo: ASTE, 1964.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- MORAES, Jilton. *O clamor da Igreja: em busca da excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- _____. *Púlpito, pregação e música: palavra e música unidas na proclamação da Palavra*. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.
- ROSE, Michael. Homilética. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998. p. 143-171.

⁴⁵ Conferir o artigo de Luiz Carlos Ramos: A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/441/457>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

RAMOS, Luiz Carlos. A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/441/457>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

_____. *A pregação na idade mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Die Praktische Theologie nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche*. Berlin: O. Reimer, 1850.

SEITZ, M. *Prática da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

SOUZA, Mauro B. de. A nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007.

_____. La prédica en Martín Lutero: algunas implicaciones para la predicación cristiana latinoamericana de la actualidad. In: LÓPEZ RUBIO, Amós (Org.). *Y el verbo se hizo carne: desafíos actuales a la predicación evangélica en la América*. La Habana: Editorial Caminos, 2010. p. 115-129.

STAM, Juan. Fundamentos teológicos de la predicación. In: LÓPEZ RUBIO, Amós (Org.). *Y el verbo se hizo carne: desafíos actuales a la predicación evangélica en la América*. La Habana: Editorial Caminos, 2010. p. 14-25.

VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis: narrative Verkündigung eine Homiletik für das 21. Jahrhundert*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2009.